

Solilóquio

de

Júlia Oristanio

Narração criada a partir de leituras das peças:
Casa de Bonecas, de Henrik Ibsen; *O leitor de aluguel*, de José Sanchis Sinisterra; *Na solidão dos campos de algodão*, de Bernard-Marie Koltès;
para a disciplina "Texto e Escritura", do Curso de Teatro da Universidade Cândido Mendes.

(Espaço escuro e a voz de alguém, que manipula uma lanterna em meio ao fluxo de ações e pensamentos).

Toda essa grandeza, toda essa luz, tudo que enxergo em você me assusta, por que tenho esse tudo dentro de mim. Ora, se vejo! Hoje talvez eu entenda.

No final das contas, é só ferida.

A gente substitui as pessoas, as qualidades e defeitos, muda o nome. *(pensa)* Talvez os beijos fossem apenas beijos.

(constata) Olhei você numa foto e não reconheço mais a sua fisionomia perfeita, os detalhes da convivência... perdi.

(pausa)

Mas qual o problema em ficar só comigo? Eu posso me encarar! Nem sempre "coisas" acontecem. Não, claro que sim, coisas estão acontecendo sempre, mas nem sempre existem coisas "de fato" acontecendo, acontecendo e...

O que fazer com esse vazio?

Com essa expectativa jamais correspondida?

Te chamo... chamo, chamo,

Ou está ocupado, ou mudo ou fora de área...

Então eu parei.

Mas como explicar esses sentimentos que ainda resistem? Eu não quero mais controlar o relógio, as coisas, os ventos, as pessoas, os dias, se chove ou se faz sol...

...nem essas coisas que restam intactas, inabaláveis, tatuadas. Procuro um nome para isso. *(paralisa)* Bom seria se um de nós voltasse para explicar. Se você voltasse...

Sono profundo. Fundo, fundo. Agora mergulhei em você. Vejo seu rosto tão nítido para mim agora - quase como um sinal.

Até quando essas memórias permanecerão intactas?

(sussurrando) Meu desespero é não saber.

(Corte seco) Não saber de você e onde você está e o que está fazendo.

O desconhecido me assusta. E você? Não se sente apavorado?

Essa noite eu pensei muito... Lembrei de quando peguei um trem em Paris e todos ali me olharam nos olhos. Vicieei em pegar trens em Paris por que lá todos me olhavam nos olhos.

Pensei que ninguém quisesse mais olhar nos olhos. Olhar nos olhos de alguém parecia a pior coisa a se fazer até que entrei naquele trem. Também quis entender porquê ninguém mais olha por onde anda...

(*Volta àquele assunto*) E todo mundo merece ser olhado nos olhos.

(*Tempo*)

Eu aqui só torço para acordar em saldo.

Uma coisa boa para mim, sobre mim; um bom momento a sós.

Apareceu esse rosto agora e essas costas, agora. O nascimento em meio ao luto: imprevistos da vida. /Eu queria ser invisível e surda de preferência, a ter que ouvir falar desses assuntos que eu jamais quero lembrar enquanto eu respirar. Tem você. (*muda o olhar*) E tem você agora. (*aquele*) Não tem você. Ou seja, TINHA você (*esse*). Só tem você agora.

Tem você, você. (*Esse*) E tem as outras pessoas.

Tive um derrame amnésico quando te vi.

(*um momento*)

(*pausa*)

É tão doce quando chega. Você pensa que não, mas chega.

É bem aquele ponto: Livre para escolher o que sim e o que nunca. (*girando o chapéu*)

Tudo isso me assusta.

(*tentativa de formular duas metáforas*) O efeito que causou não é medido por palavras.

(pega a caneta)

(pára e constata) Tudo deixou de ser 'você' e virou 'eu' quando eu deixei de ser você.

Continuar agora seria fácil. Desajustaria todas as palavras que eu conheço para nunca dar fim a essa história. *(ritmo)* Poderia escrever todo o passado e presente do modo como sinto. Poderia cogitar um futuro falido, querendo acreditar nele. Eu juro, eu poderia.*(ritmo)* Eu poderia contar e recontar toda essa história. Só eu poderia. De todas as juras de amor jogadas ao vento, de todos os acordos feitos em vão, do que eu falei semana passada.

Eu poderia escolher não fazer sentido nenhum.
(senta)

Eu poderia tudo... mas agora eu só quero agradecer... é que me deu vontade. Dizer que valeu é sair com dignidade.

E ainda, quando o sol nascer ou morrer, o que nos condena a todos, quando os pássaros cantarem, quando o tempo fechar, e eu inarredável, quando as nuvens mudarem de forma, e eu feito pedra diante dos teus movimentos, estarei aguardando apenas o momento de criar outras memórias.

Já quase me convenço de que deixei tudo pra trás.

(tira o telefone do gancho)

Vamos, mas vamos correr com calma, porque a pressa do meu coração é grande como as ilusões do tempo perdido.

Vamos logo, sem pressa, porque o tempo está passando e tudo está fora de controle.

E mesmo que você corra para me alcançar, eu já desapareci. E agora, que eu deixei de ser você e passei a ser eu, deixando de ser você, mesmo que você me alcance... Entre o sim e o nunca, hoje, eu sou outra.